

# **As narrativas biográficas: oralidade e intersubjetividade**

**Pedro Pereira Leite<sup>1</sup>**

**Ana Fantasia<sup>2</sup>**

## **O Problema da intersubjetividade na museologia<sup>3</sup>**

A questão da intersubjetividade tem vindo a ser abordada na teoria do conhecimento com uma proposta de superação da relação do sujeito (aquele que formula os problemas) com o seu objeto de conhecimento (formulação de problemas sobre os quais são aplicados os métodos de observação e medição). Esta crítica ao paradigma racional, que tem vindo a ser feito entre outros pela escola de Frankfurt, de onde salientam os trabalhos de Jürgen Habermas (1990) Axel Honneth (2011) e entre nós pelos trabalhos de Boaventura Sousa Santos (1987). Entre outras questões a teoria crítica fundamenta uma proposta de reformulação dos modos de objetivação do real a partir da intersubjetividade. Propomo-nos neste trabalho a efetuar uma análise sobre a intersubjetividade na museologia a partir duma postura de investigação-ação através do recurso das narrativas biográficas.

No paradigma da ciência social moderna as categorias de espaço e tempo surgem como formulações absolutas (SANTOS, 1987). Invariáveis a partir das quais se efetuam a construção de narrativas lineares sobre os espaços e as comunidades. A crítica de construção destas categorias como fenómenos processuais, interrelacionais e reflexivos (HABERMAS, 1990) tem vindo a concluir que uma narrativa não pode aspirar a constituir-se mais do que uma entre outras narrativas possíveis. A possibilidade de narrativa emerge assim não pelo seu carácter universal e único, mas pela sua relação com as forças sociais que em determinadas conjunturas a tornam dominantes. A crítica destas narrativas implica equacionar a sua expressão como possibilidade narrativa. A visão crítica sobre as narrativas como fenómenos que resultam dum processo social

---

<sup>1</sup>Investigador em Pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

<sup>2</sup> Investigadora do Centro de Estudos sobre Africa e o Desenvolvimento da Universidade de Lisboa

<sup>3</sup> Este texto recupera a base do seminário sobre narrativa biográfica apresentado na Unesco Moçambique em Outubro 2012

interrelacional evidencia, na museologia, a necessidade de equacionar o sujeito que produz o discurso. Ora, neste ponto de vista, uma narrativa museológica, como processo de conhecimento construído a partir do sujeito museólogo, é um processo que resulta mais próprio conhecimento prévio do sujeito como que construindo um efeito de imagem refletida num espelho. A narrativa museológica moderna é portanto um conhecimento que se reflete a si mesmo.

Ora a construção deste conhecimento reflexivo, a partir do qual se reconstróem as narrativas, é também criticado a partir do seu efeito processual. Isto é, ao projetarmos no mundo uma interrogação que nos é devolvida como resposta (quando construímos um problema já construímos, intuitivamente, a resposta para esses problemas (Ver JESUINO,2000 Processos Cognitivos), também estamos ao mesmo tempo a predeterminar a essa narrativa construindo os seus próprios limites de possibilidade, a partir da sua formulação. A comunicação não é neutra e não existe sem desencadear uma multiplicidade de efeitos a partir da qual se geram novos campos de tensão. O reconhecimento deste princípio da incerteza nas narrativas (do sujeito sobre o objeto),pelo efeito de reflexo e pelo efeito processual, induz uma consciência sobre as narrativas museológicas como campos de possibilidades contínuas.

Assim, sendo a narrativa museológica uma possibilidade construída por um sujeito, a construção desse processo, para efeitos de validade e consistência, deveria partir do próprio sujeito social como protagonista da construção das suas próprias narrativas. O deslocamento da construção do discurso do individuo para o social adiciona à narrativa museológica uma característica pragmática. O objeto museológico torna-se numa possibilidade que ocorre num processo num espaço-tempo em permanente transformação. Esta canibalização do objeto museológico permite a emergência dum consciência dum fato museológico centrado nas comunidades e nos territórios. Essa antropofagia do objeto permite a emergência da intersubjetividade do conhecimento museológico.

A introdução na epistemologia museológica da intersubjetividade resulta deste descentramento da produção do conhecimento do sujeito para os objetos. Na intersubjetividade o conhecimento depende não do sujeito racional, nem das suas emoções e sentimento, mas ele é produzido pelos outros. A ideia não é dada pela mente em reflexão centrada no espaço e no tempo, mas pelo

uso da palavra, numa determinada comunidade e em práticas coletivas. O conhecimento museológico deixa de estar centrado nos objetos nos museus para se centrar na produção de objetos na comunidade e territórios como processos de conhecimento. Processos de conhecimento que tem um função pragmática de construção da vontade de futuro. Um processo transitivo (onde a ciência se assume como um processo de conhecimento e como técnica de análise da probabilidade e da imprevisibilidade) que se exprime como um processo de comunicação (como uma relação entre a forma de comunicação (uma linguagem) e o consenso que se cria como resolução dos conflitos das partes (uma dialética).

### **As narrativas biográficas como metodologia na museologia**

No âmbito da nossa tese trabalhamos a proposta da sociomnese como uma metodologia de investigação ação aplicada à museologia em contexto de comunidades do sul. Nela revelamos não só o potencial da utilização da memória social, nas suas vertentes narrativas, da linguagem e da performatividade (a oralidade, a música, a dança e o canto como unidade), como ilustramos a fundamentamos um conjunto de procedimentos metodológicos que permitem construir uma museológica solidária. Estes procedimentos tiveram por inspiração as propostas das metodologias da conscientização de Paulo Freire e a análise da posição dos atores. Através dele elaboramos um roteiro, que partindo da cartografia do espaço e da comunidade propúnhamos uma construção duma narrativa biográfica individual (um livro de memória). Sobre as narrativas mnemónicas lançávamos o desafio de as questionar criticamente, para a partir dessa consciência crítica criar um processo museológico com base nas memórias coletivas do grupo. Transformávamos assim as memórias singulares em memórias socialmente partilhadas pela consciência dessa sua dimensão comum.

Nesse trabalho valorizamos essencialmente o processo de interação do grupo na construção do compromisso de ação. Entretanto, as nossas reflexões sobre o conteúdo social das experiências individuais, tem-nos vindo a aprofundar a relação entre as experiências humanas no mundo social e a consciência do indivíduo dessas mesmas experiências através das narrativas biográficas.

A narrativa biográfica constitui-se como uma forma de expressão privilegiada da memória social. A memória social apresenta algumas vantagens na análise da memória das comunidades através de outros

objetos, como os objetos museológicos, ou objetos patrimoniais ou mesmo objetos documentos por nela estarem em processo as várias relações (unárias, diárias e triárias) das comunidade e dos territórios. Ao contrário dos outros objetos de análise, como por exemplo o património ou os documentos, apresenta desvantagens de análise pela relativa fluidez do objeto de análise, ao contrário da sua fixação em suportes materiais reproduzíveis e verificáveis.

Ainda que nos procedimentos metodológicos se recorra muitas vezes à fixação da memórias, através da gravação em diferentes tipos de suportes, ao incorporar a dimensão da materialidade permitindo cumprir os critérios da cientificidade (ser empiricamente observável, podendo ser reproduzida a observação por diferentes sujeitos para verificação e ser apresentada de forma adequada através da sua comunicação através de processos convencionados pela comunidade de cientistas), cria-se um efeito de cristalização que elimina em parte a sua dinâmica processual.

Em situações sociais de estabilidade, os processos sociais de memorialização, patrimonialização e musealização, incorporam naturalmente as dinâmicas simbólicas que tornam singulares e socialmente qualificados os objetos selecionados. Ainda que eles resultam de narrativas que exprimem relações de poder, podemos encontrar neles relações de conformidade e relevância mnemónica que lhes adiciona o valor social que lhes serve de qualificativo.

No entanto, face aos processos de globalização, onde o espaço se fragmenta e o tempo se comprime, a cristalização destes objetos sociomnemónico, ainda que mantenham as qualidades de atributos que os singularizam, pelo fato de estarem cristalizados em suportes, e de terem perdido a sua dinâmica de transformação, apresentam visíveis dificuldades de adaptação à pós-modernidade.

Apenas para situarmos um breve exemplo. As narrativas da oratura de carácter tradicional, recolhidas pelo romantismo como elemento singular das nações europeias, cristalizadas em cancioneros, ou os contos tradicionais africanos, recolhidos no âmbito das políticas culturais desenvolvidas pela UNESCO no século XX, permitiram a constituição dum acervo documental, dum grande utilidade para o estudo das comunidades e dos tempos sociais. No entanto, ao cristalizar os contos tradicionais (e as músicas e as danças) em suportes documentos, alteram-se as suas funções sociais. Como sabemos, hoje os contos tradicionais (as músicas e a danças) são

hoje reproduzidas sobretudo através de suportes destinados à infância. No entanto, como sabemos, os significados sociais que esses contos incorporavam, bem como as suas funções sociais continuaram a ser socialmente consumidos através de produtos culturais diversificados (literatura, teatro, opera, dança, pintura, escultura, cinema, e outras artes performativas). Ou seja da mostra da condição humana e dos seus dilemas ao simples lazer a função social das performances sociais replicam-se por inúmeros processos e inúmeras narrativas assumindo novos rostos. Ou seja em tese os objetos que foram cristalizados nos museus públicos do século XIX estão vivos e dinâmicos na nossa contemporaneidade, em múltiplos lugares através de múltiplos atores, mais ou menos conscientes das suas funções sociais transformadoras.

Regressando à nossa questão da narrativa biográfica como método na museologia, vamos procurar defender a vantagem da sua utilização na construção de processos museológicos a partir da sua tripla dimensão: numa primeira dimensão primária, encontramos o indivíduo como expressão singular. As suas experiências e conhecimentos são únicos e exclusivos. Numa segunda dimensão, binária, o indivíduo surge-nos como elemento dum conjunto (pela propriedade de associação/dissociação). Esse conjunto é visível pela representação dum identidade (eu/outro) ou (nós/outros). Nesta dimensão emerge já a consciência social do indivíduo. A noção de participação num ou vários grupos. Finalmente numa terceira dimensão, processual onde podemos analisar a consciência de si do indivíduo, a consciência do indivíduo na sua participação no conjunto social, e a consciência que a participação do indivíduo no todo se realiza no devir social em permanente transformação. É sobretudo nesta última dimensão que nos interessa trabalhar o contributo desta metodologia para a museologia.

Assim interessa-nos distinguir numa primeira abordagem as “estórias” de vida (life story/récit de vie) que se constituem como as narrativas contadas pelo próprio indivíduo, implicando-se a si mesmo numa dupla função como um narrador (que é quem é detentor da informação) e como um narratário (como aquele para quem é direcionada a narrativa). Todo o indivíduo constrói e reconstrói permanentemente a sua história de vida em função das suas experiências do passado e a sua experiência no presente em função da sua vontade de futuro. Nela encontramos a identificação do indivíduo com o todo, ou o modo como cada indivíduo observa a sua

relação processual entre a unidade e o todo. A consciência de si. (a forma deste documento seria a Biografia)

Numa segunda abordagem interessa-nos distinguir a “História de Vida” (Life history/histoire de vie ou recit de lá pratique). Nesta dimensão aborda o individuo a partir da sua “história de caso”. Uma história de vida centrada nas práticas individuais e temáticas, mais particularmente, no vivido profissional. Ou seja, procura-se complementar a narrativa auto-biográfica com a análise de informação disponível sobre os fatos narrados como expressão dum tempo e dum espaço. As histórias de vida complementam a “consciência do si” pela análise da “consciência do social”. Para a construção das História de Vida importa incorporar não só a narrativa do individuo, como sobretudo interesse confrontar na medida em que se complementa a história contada pela pessoa com toda a panóplia de informação biográfica disponível. Neste tipo de trabalhos encontramos a Consciência Social do Tempo (a forma deste documento seria, por exemplo a fotobiografia).

Finalmente, numa terceira abordagem temos a “Narrativa Biográfica”. (Comprehensive Live History) A narrativa biográfica é uma metodologia qualitativa de reconstituição da trajetória social do individuo (do passado para o presente em função da sua vontade de futuro) construída pelo próprio a partir dos seus quadros de significância. Neste âmbito procura-se que o próprio adquira a consciência do seu posicionamento social face a determinadas situações e contextos histórico-sociais, como processo para que ele se transforme em ator da sua própria trajetória social. Esta dimensão narrativa apresenta, do ponto de vista da análise uma dupla entrada. Por um lado observamos a consciência dos resultados das experiências e das suas representações pelo narrador ao mesmo tempo que encontramos a expressão das regularidades sociais que se desenham como pano de fundo da sua ação. Sendo a partir dessa consciência de si e das conformidades sociais que cada um transporta que se parte para a construção da ação. Tal como na memória social, na sua tripla dimensão, da experiência individual, da experiência social e da experiência simbólica dessas relações o individuo é convidado de criar um projeto de ação.

A aplicação desta metodologia permite ao museólogo atuar a partir de um duplo eixo de análise. Ao solicitar e ao trabalhar a partir de um conjunto de narrativas biográficas está a ter acesso a uma

compreensão dinâmica das vidas em contexto histórico entendidas como relações de (im)possibilidade entre sujeitos, organizações e processos politicamente organizados. Por outro lado, essa análise permite-lhe a emergência duma consciência de si próprio e da sua posição no contexto do processo de globalização. A aplicação desta metodologia, onde o conhecimento é construído em interação com o outro permite igualmente ao museólogo participar, a partir da sua experiência individual de investigação como construtor de ciência através da sua reflexão sobre a ação transformadora

As narrativas biográficas enquanto método qualitativo diferenciam-se dos modelos quantitativos (representatividade numérica ou estatística, da análise histórica e hermenêutica dos "objectos biográficos", tais como narrativas biográficas, autobiografias, histórias de vida, diários, correspondência, memórias, testemunhos pessoais) porque não procura descrever padrões gerais até ao ponto de "saturação", mas sim conhecer e reconhecer as experiências de vida concretas dos sujeitos em contexto de vida para a partir deles construir uma consciência sobre os processos de transformação e das dinâmicas sociais.

Este posicionamento teórico e metodológico da pesquisa biográfica assume uma dimensão política e cívica de produção solidária de saber. Resgatar o conhecimento e as memórias das comunidades como proposta de ação social de construção dum futuro solidário com base nos direitos humanos. Tais experiências encontram-se enraizadas em outras experienciais históricas, sociológicas, e políticas mais vastos que transcendem tanto as vidas individuais como as respetivas formas de representação a analisar. Simultaneamente, os próprios testemunhos pessoais são também moldados por relações e situações decorrentes de contextos concretos de análise. Saber é poder, diferentemente distribuído entre grupos e contextos diferentes (muitas vezes assimétricos), atravessando também as interações entre investigadores e sujeitos no terreno.

### **O campo de análise proposto: A questão da escravatura na Ilha de Moçambique**

No decorrer dos trabalhos de investigação na Ilha de Moçambique, onde procuramos mobilizar as narrativas biográficas e as histórias de vida, tivemos a carta altura como objetivo de trabalho identificar os

processos de formação da memória social sobre a escravatura<sup>4</sup>. Durante os trabalhos de campo os dados recolhidos sobre a memória social da escravatura não permitiram validar a sua pertinência, o que nos levou a privilegiar outros campos de análise da memória social. No entanto, os dados da observação empírica indicavam a necessidade de abordar a questão da escravatura na Ilha de Moçambique para entender os processos de formação da sua base patrimonial construída. O problema apresentou-se então da seguinte forma. Se na observação do património construído e na análise da memória erudita da ilha a presença do tráfico negreiro era uma evidência, os dados recolhidos nas narrativas orais não apresentavam uma presença significativa dessa memória.

Essa ausência foi então por nós classificada como um olvido. Ou seja, sendo algo que quando surge no discurso ou na narrativa se apresenta como um indicador das tensões políticas, na memória social ela não encontra expressão significativa. Trata-se portanto dum fenómeno a que os indivíduos e o conjunto social não mobilizam para o seu entendimento do presente.

No campo dos discursos dos agentes económicos, fundamentalmente ligados às questões do desenvolvimento social, do turismo e do negócio imobiliário, a questão deste olvido, pelas suas características de “fenómeno negativo” da história pode representar uma fraca relevância para a promoção do território. O relativo esquecimento do fenómeno da presença da Ilha no trato negreiro poderá ser assim explicado de forma simples.

Há no entanto um imperativo ético na museologia de formar a consciência do mundo como ação transformadora. O fenómeno da escravatura, como uma manifestação do domínio ou subordinação física de mulheres e homens sobre outras mulheres e homens é hoje intolerável à luz dos Direitos Humanos. Essa consciência do passado não pode ser esquecida, para que não seja repetida. Quaisquer que sejam os futuros que sejam pensados, eles devem ter por base a dignidade do ser na sua plenitude. Este é também um legado patrimonial que as nossas gerações desejam deixar ao futuro. E nesse sentido, a construção do processo museológico na Ilha de Moçambique não pode incluir e aprofundar esta questão.

---

<sup>4</sup> Veja-se Ponto 4.4. “Do Tráfico Negreiro à modernidade na Ilha de Moçambique” in LEITE, Pedro Pereira (2010), *Casa Muss-amb-ike: O compromisso no processo museológico*, Lisboa, ULHT, pp 304-323

Como poderemos então mobilizar a narrativa biográfica para desenvolver o processo museológico de resgate das memórias sociais da escravidão na Ilha de Moçambique. Esta questão tem vindo a ser trabalhada pelos historiadores no âmbito do programa da UNESCO "*Slaves Routes and Oral Tradition in Southeastern Africa*" (ZIMBA, 2005).

De acordo com o Seminário realizado na Universidade Eduardo Mondlane em 2003, os trabalhos de investigação sobre o tráfico de escravos realizados nos últimos vinte anos permitiram resgatar para o conhecimento histórico a dimensão do fenómeno. O assunto continua a ser investigado em várias academias e novos métodos têm vindo a ser aplicado à investigação na busca dum maior entendimento sobre os efeitos da diáspora africana no mundo global. Também, uma aproximação ao fenómeno da escravidão permite igualmente entender os processos internos de transformação das sociedades africanas, da sua resistência ao colonialismo e a sua busca do direito à memória.

O seminário também revelou, que depois de anos de estudos sobre dados quantitativos do tráfico de escravos, tem vindo a emergir campos de análise inovadores. Entre estes campos emergentes, os trabalhos sobre a memória oral e a memória tradicional tem vindo a revelar novos elementos sobre as formas como as sociedades africanas tem vindo a responder aos desafios da globalização e de que forma os processos de escravidão afetam as suas respostas a estas questões nos dias de hoje.

Na sua globalidade, os trabalhos efetuados permitem afirmar que a herança do tráfico negreiro e da escravidão são questões que ainda hoje estão presentes na herança das sociedades africanas e que o seu conhecimento e resgate ainda é uma questão que não é consensual. É nesse sentido que nos parece pertinente aprofundar a análise dos processos da escravidão e do tráfico negreiro na Ilha de Moçambique, como parte integrante dum processo museológico solidário.

O projeto procura analisar a atualidade da questão da escravidão numa perspectiva da sua relação na museologia com os direitos humanos. O princípio de que na globalização o singular e a totalidade estão presentes nas memórias sociais, a questão que se deve colocar é a possibilidade da memória da escravidão poder ser usada como recurso de construção do futuro. A análise das comunidades africanas

e os seus processos de formação e uso das memórias social, como processo de resiliência onde é possível analisar a sua resistência e adaptação à modernidade a partir da narrativa biográfica como metodologia.

## **Bibliografia**

HONNET, Axel (2011). Luta pelo Reconhecimento: para uma gramática moral dos conflitos sociais, Lisboa, Edições 70.

ADORNO, Theodoro (2008). Teoria Estética. Lisboa, Edições 70  
SANTOS, Boaventura de Sousa. (1987). Um Discurso sobre as Ciências, Porto, Edições Afrontamento, 59 páginas.

SANTOS, Boaventura de Sousa, (1994). Pela Mão de Alice, Porto, Afrontamento.

HABERMAS, Jürgen (1987) Ciência e Técnica como Ideologia, Lisboa, Edições 70, 149 páginas

HABERMAS, Jürgen, (1990). O Discurso Filosófico da Modernidade, Lisboa, Publicações Dom Quixote

HABERMAS, Jürgen, (1992). De L'Éthique de La Discussion, Paris, Flammarion

HABERMAS, Jürgen (2010) Fundamentação Linguística de Sociologia, Obras Escolhidas, Volume I, Lisboa, Edições 70, 350 páginas